ARTES E LETRAS

LINHAS MESTRAS DO PENSAMENTO DE JEAN GUITTON

ESTAVA diante de nós um mestre que admiramos, e, ouvindo-o fazer-nos a confissão da história dos seus pensamentos filosóficos e religiosos, era toda a sua obra que se esclarecia, unificava e vivificava. Expondo diante de um público estrangeiro a confidência que não teria diante dos franceses seus compatriotas, porque são necessárias as perspectivas, dadas quando não pela distância no tempo, ao menos pela do lugar, para se verem bem as profundezas do espírito, Jean Guitton mostrava quanto o seu pensamento correspondia à sua vida. Terrível é ter que escolher, dizia. Difícil lhe foi optar, no início da carreira, entre humanidades, filosofia e teologia. Os três interesses mais ou menos os conciliou, não uns com os outros, mas todos eles consigo mesmo. Já entendemos, assim, a prevenção que faz à entrada de um livro, quando diz: «Tomei como regra difícil calar-me todas as vezes que só teria podido repetir, sem o ter transubstanciado, aquilo que tinha sido vivido ou pensado por outros. Com risco de parecer incompleto, demasiado prudente ou não suficientemente generoso, queria expor sòmente aquilo que experimentei por mim mesmo, que se me assimilou, que julguei ter verificado através de longas reflexões. Quando se pratica diante dos homens a profissão de filósofo, é um dever proceder assim». Exactamente por isso é que, em «um tema gasto pelos séculos», como é a Virgem Maria, este professor da Sorbonne encontra ângulos de nova visão, sem que repita uma só ideia-feita ou lugar-comum.

E unificava-se diante de nós todo o conjunto dos seus livros, vendo-o apresentar a génese e as fases da sua formação espiritual, os pontos de

POR

CRUZ PONTES

partida de uma obra de reflexão filosófica que, precisamente pelo seu enraizamento na vida, se não pode ler sem entusiasmo.

Antes de ser mestre de Filosofia, em Paris, ensinara nas Universidades de Montpellier e de Dijon, mas para a sua obra de pensador nenhuma experiência humana é desaproveitada. E assim foi que, ao longo dos anos de prisioneiro de guerra, entre 1940 e 1945, na renúncia forçada, foi elaborando esse revelador «Ensaio sobre o amor humano».

As características do seu método de investigação metafísica, que tão fecundo se mostrará na aplicação a alguns grandes temas de filosofia e de religião, já se descobriam na sua tese «O tempo e a eternidade em Plotino e Santo Agostinho». Ela lhe deu nomeada entre os especialistas, muito antes de, em 1954, a Academia Francesa o ter consagrado com o «Grande Prémio de Literatura».

Um dos seus processos é a comparação de duas linhas de pensamento, simultaneamente paralelas quanto ao objecto e divergentes quanto à solução, a fim de chegar a mais íntimo aprofundamento aos problemas. E, depois do confronto entre Plotino e Santo Agostinho, estudará Pascal e Leibniz, assim como Renan e Newman. Além deste último, objecto de um estudo particular, «La philosophie de Newman», também Bergson, Blondel, Chevalier, influenciaram o seu pensamento e os seus métodos de trabalho, para não falar já na decisiva presença de Puget, a que fora conduzido por Chevalier e que por sua vez levou a Bergson. E a estes mestres deve também Jean Guitton o estilo de subtilíssima sugestão literária, o sabor poético que tanto encanta nos seus livros de filosofia.

A sua obra máxima será talvez a série de dez volumes, «La pensée moderne et le catholicisme», susceptível de ser considerada uma «Summa contra gentiles» do século XX, em que parece especialmente significativo o volume sobre «O problema de Jesus e os fundamentos do testemunho cristão». Aí vemos levado até ao extremo o respeito de um filósofo pelos direitos da razão, apresentados sob a forma de «Diário de um livre-pensador» num campo de concentração. E assim é que a conclusão final de um livro de 250 páginas é o dado essencial mínimo: a possibilidade de que Jesus Cristo seja Deus. Aceitação da possibilidade, sòmente, neste primeiro momento. E o volume seguinte que afirmará o facto, a realidade divina de Jesus. Nesta delicadeza de respeito pela razão, bem se situa na sua linha maior de augustinianismo.

Outro dos processos predilectos de Jean Guitton é acompanhar o desenvolvimento de uma ideia como explanação de um germe primeiro. E o método que o vemos utilizar, em vários planos, no estudo da Virgem: ela foi gradualmente conhecendo-se a si, ao longo da sua história terrena, do mesmo modo que também nós a vamos conhecendo melhor através do desenrolar do tempo. E, porque gosta de descobrir comparando, vemo-lo fazer o confronto da doutrina católica com a teologia protestante, nesse terreno de fronteira que é a Virgem.

Não alheio aos problemas humanos, como escrevíamos atrás, Jean Guitton gosta de aprofundar com o seu método original de relacionação o mais humano e sugestivo dos mistérios. E, no seu gosto de comparar, relacionando a Virgem com o amor humano e o tempo presente, a par aprofunda o mistério de Maria através da nossa experiência quotidiana, e enriquece a compreensão da nossa vida humana olhando-a da perspectiva mais alta da santidade.

Conhecedores dos seus processos mentais e da sua experiência de pensador exposta numa das suas obras mais traduzidas, «Nouvelle art de penser» e nesse outro ensaio, «Apprendre à vivre et à penser», imaginamos já o que poderá ser o novo livro, cujas provas tipográficas reviu durante a estada em Portugal, em Abril. «L'Évangile et l'Église» será decerto uma filosofia ou teologia da história da Igreja, considerada como desenvolvimento do Evangelho. E, mais uma vez, assim sendo, o veremos fiel a uma das linhas mestras do seu pensamento: a história como explanação de uma Ideia através do tempo, ou a duração como desenvolvimento de um germe inicial.

INVENTÁRIO DA SEMANA

I. Quem se lembrar ainda da maleabilidade da prosa, do calor humano dispensado a cada figura — que viveu de perto ou na sombra do grande escultor *Rodin* — por esse escritor que se chama Jaime Brasil não se surpreenderá com este seu *Leonardo da Vinci*, produto de investigação, de apaixonante e devotado estudo poético na figura do sábio, do inventor, do artista, que foi Leonardo da Vinci.

Sempre Jaime Brasil recria em actualidade os Homens que retrata. E sempre os ergue à medida — sem medida — do que importa ao verdadeiro Artista: a Arte; como uma Religião, como uma Cruz, como um Milagre. Aquela segunda realidade do escolhido, que nada no mundo conseguirá pagar e nada valerá bastante que por ela se possa trocar.

II. *Horizon* é o nome de uma revista de Arte que acaba de ser publicada na América. Eis um título pelo qual este continente se liga mais ainda ao Império Português. *Horizonte* parece sugerir a meditação à beira do oceano, parece acordar um clima marítimo e de descoberta. O corpo redactorial, quase todo constituído por nomes femininos, houve-se com um critério artístico que supera de longe o habitual noutras publicações congéneres.

III. Olhando as ilustrações de Stuart no livro *Fado*, de José Régio, aquela sua delicada segurança de traço, que fica sempre entre a comédia e o drama, tem-se bem a noção de quão pouco a notoriedade anda a par do verdadeiro valor. Quem cita Stuart? Quem lembra Stuart?

IV. De *Um Fernando Pessoa*, de Agostinho da Silva, se transcreve: *Vai, pois, Fernando Pessoa, deliberadamente, confirmar o caso físico. Vai nascer português, porque tem a convicção de que Deus não pode abandonar seu outro povo eleito e de que, passado o domínio da Europa, quando a técnica tiver esgotado todas as suas possibilidades, quando a economia protestante se verificar plenamente anti-humana, quando a centralização estatal se revelar estéril, Portugal verá de novo construir o seu mundo de paz por maior que tenha de ser o seu sacrifício: mundo de uma paz que não surja como a romana ou a inglesa, do exterior para o interior, de um Cesar para seus súbditos, dos tribunais para os corpos; paz que se realize, antes de tudo, nas almas, lei que seja inteiramente não escrita e, no melhor de si, informulada; reino de Deus que surja pela transformação interior do homem.*

E mais adiante:

A primeira ideia que nos dá Pessoa é a de que há um certo passado de Portugal que não é de natureza puramente histórica; é apenas uma revelação no passado do que é em Portugal uma perenidade.

V. Paulo Ferreira está em Portugal com a exposição de Amadeo Sousa Cardoso. Grande pintor, que organiza a exposição de outro grande pintor. Tarefa que não foi fácil, por ser realizada e cumprida na ambição que o guiou.

NOTICIÁRIO

«Poesia de Arte e Realismo Poético»

Acaba de ser posto à venda um novo livro da poetisa Natália Correia: o ensaio «Poesia de Arte e Realismo Poético».

Os nossos escritores trabalham

Armando Ventura Ferreira, o autor do livro de contos «Nocturno», acaba de seleccionar uma série de contos que vai publicar num volume que terá o título de «A Primeira Pessoa».

—— Urbano Tavares Rodrigues está escrevendo neste momento um romance: «Bastardos do Sol».

—— Manuel de Lima terminou um novo livro: «O Clube dos Antropólagos».

—— Maria da Graça Freire terminou um novo romance.

—— Joaquim Paço de Arcos trabalha num estudo sobre «Carlos Malheiro Dias, Escritor Luso-Brasileiro», que apresentará no Colóquio da Baía.

Últimas publicações

Acaba de aparecer o primeiro livro da nova colecção «Filme», da Editorial Astor: intitula-se «O Filme e o Público» e é seu autor Roger Manvell.

—— Os Estudios Cor acabam de lançar o último romance de Par Lagerkvist: «A Sibila».

—— A Portugália Editora lançou uma 2.ª edição das «Cartas», de Katherine Mansfield.

—— Editado pela Livraria Bertrand, acaba de sair o romance «Férias Para Todos os Preços», de Pierre Daninos.

—— Livros do Brasil publicaram um volume de Camus: «Calígula», seguido de «O Equívoco».

—— Está constituindo um notável êxito de livraria o romance «Dona Celestes, da grande escritora inglesa Ethel Deel, edição da Editorial Notícias.

—— A Editorial Notícias adquiriu os direitos do romance «Grichka e o

(Continua na 15.ª página)

CARTA DE PARIS

O «ANTITEATRO» de Ionesco

EM 1950, a estreia da peça «A Cantora Calva», de Eugène Ionesco, iniciou a carreira escandalosa, mas por fim vitoriosa, deste autor, que nasceu em 1912, na Romênia, e passou a primeira juventude em Paris, para aí se fixar definitivamente, terminados os estudos, a partir de 1938. Nove anos bastaram para lhe merecer a fama de «grande autor dramático» e «vanguardista da primeira fila». Alternavam as estreias das suas obras, de uma rapidez assustadora, na Inglaterra, na Alemanha, na Suécia, na Itália e na Espanha. Durante a temporada deste ano, a repercussão destes êxitos trouxe simultaneamente quatro peças suas aos palcos de Paris. A crítica e o público parecem ambos ter aceitado este autor, que, pelo menos nos seus inícios, não tinha outra intenção senão ridicularizar e levar ao absurdo todas as práticas do teatro tradicional.

No princípio desta actividade dramatúrgica está um aborrecimento profundo para com o teatro actual, como o próprio Ionesco o confessou nas suas «Considerações simples sobre o teatro». Ele entrevia a discordância entre o que o teatro quis oferecer: um mundo do imaginário, realizado por seres viventes, os actores, e o que na verdade ofereceu: mentiras contínuas e insuportáveis. A arte dramática, opinou Ionesco, era de todas as artes a menos duradoura: dos autores de todos os tempos, só uns 20 ou 30 conseguiam ainda interessá-lo — na leitura, bem entendido —, entre eles os grandes gregos, Shakespeare e os dois alemães Heinrich von Kleist e Georg Büchner. (Na verdade, encontramos algo do humorismo sarcástico do autor de «Leonce e Lena» nas farsas trágicas do romeno). Muito duros são os seus juízos sobre os mestres do teatro francês: nem Molière, nem Corneille, nem Hugo, nem sequer Cocteau escapam ao seu veredicto. Este aborrecimento inicial, combinado com uma inclinação inata para outro teatro de estilo diferente, levou Ionesco a escrever umas peças, nas quais os típicos efeitos do teatro tradicional parecem reforçados, levados ao absurdo e com isto aniquilados. São «antipeças», que mobilizam a banalidade concentrada das conversas do dia a dia, levando-as ao paroxismo, onde «as fontes do trágico se abrem». À procura de uma região autónoma do drama, longe das influências ideológicas, escreveu o autor as suas «Farsas Trágicas»: «pois o cómico parece-me trágico, e a tragédia do homem provoca a minha mania de fazer troça».

Considerando a parte negativa desta «missão», pode afirmar-se que o autor a realizou plenamente. Basta ver as duas peças «A Cantora Calva» e «A Lição», que estão a encher, já durante o terceiro ano, as caixas do pequeno teatro Huchette. Um estudo frutífero da banalidade máxima produz aí uma linguagem de um sensabor glorioso e concentra-se num ataque irresistível para desopilar o fígado dos espectadores. Estas peças assemelham-se ao «sketch» e poderiam ser representadas com o mesmo êxito num cabaré. Em «A Lição» já se emprega o meio artístico com o qual Ionesco elimina as personagens que criou: o professor, um monstro de teorias absurdas, assassina finalmente a sua alma, que se nega obstinadamente a aprender os seus disparates. Mas este assassínio não possui, nestas primeiras «antipeças», nenhum significado; trata-se, simplesmente, de um «ballet de palavras» de crescente e arrebatadora intensidade e com desenlace fatal.

O pseudodrama «Víctimas do Dever», levado à cena no «Studio des Champs-

POR

GEORG RUDOLF LIND

-Elysées», numa boa encenação de Jacques Mauclair, revela outros aspectos do teatro de Ionesco: o disparatado duelo de palavras entre cônjuges lembra o princípio da «Cantora Calva», mas depois a acção intensifica-se, alcançando o grotesco e, sem transito, o trágico. O senhor Choubert é forçado pela sua mulher e por um polícia, que entra inesperadamente na sua casa, a procurar sob a terra e nos cimos dos montes um misterioso senhor Mallot — evidentemente o símbolo dos seus problemas

(Continua na 15.ª página)

POEMAS DO MAR DO CORAÇÃO

DESEJO ETERNO

Amei e tive o teu amor... A morte,
Intervalo entre duas primaveras,
Não conseguiu ao meu desejo opor
Seu frio esquecimento. Nem a sorte
Varia, de cada vida, nem quimeras
De pureza abafaram seu ardor.

Deixei, hirtas, nas covas, ou no fundo
Oceânico embaladas longamente,
As formas transitórias do meu Ser.
Dos covais, que sagrei por todo o mundo,
E de todos os mares, vejo, ardente
O meu desejo, eterno, renascer.

Ele soube atrair-me de um além
Das vidas e das mortes, ser a chama
Que, no Céu, ao meu Espírito recorda
A glória de viver amando, o bem
Feito de tantas mágoas, de quem ama
E para o sonho de viver acorda

Águas letais da Morte não puderam,
Nem cânticos celestes, a memória
Do nosso amor terrestre aniquilar.
Rumos da vida sempre me trouxeram,
Através de aventuras, dor e glória,
Ao encanto, sublime, de te amar.

Uns instantes, bem sei, de vida plena...
Depois, de novo de alma os infinitos,
A necessária e triste divisão
Do Espírito imortal e da terrena
Beleza... De que somos nós proscritos?
Do Céu?... Ou de uma Terra de paixão?

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

OUVINDO O MAESTRO

JOLY BRAGA SANTOS

autor da ópera «Mérope» que amanhã se estreia no Teatro de S. Carlos

A presente temporada lírica do Teatro Nacional de S. Carlos, que decorreu com tanto brilhantismo e tão alto nível artístico, vai terminar amanhã com um acontecimento do mais alto significado para a nossa vida artística e cultural: a estreia da ópera «Mérope», do maestro e compositor Joly Braga Santos, cujo libreto foi extraído da tragédia de Almeida Garrett.

A estreia de uma obra musical portuguesa é sempre um facto a assinalar; quando tal obra é de autoria de um jovem compositor como Joly Braga Santos, cuja vigorosa personalidade se prestigiou desde há muito e cuja obra já galgou fronteiras, mais significativo se torna o facto. Além disso trata-se de uma ópera, género musical que está ressuscitando em todo o mundo e do qual a nossa musicologia actual não é muito rica. Há a destacar, finalmente, o facto de a nova ópera de Joly Braga Santos ser extraída de uma obra de um dos nossos maiores escritores de sempre, Almeida Garrett; com efeito, «Mérope» foi o primeiro pensamento dramático de Garrett, que no assunto começou a pensar quando, apenas com 12 anos, era aluno de grego do prof. Joaquim Alves, embora só tenha escrito a tragédia quando atingia os 18 anos e já frequentava a Universidade de Coimbra. Retomando o tema clássico de Eurípedes, tal como o fariam outros autores, entre eles Alfieri, Garrett, em «Mérope» — como na tragédia «Catão» e nos poemas «Camões» e «D. Branca» — assimilou muito do que havia de permanente na herança estética e ideológica da cultura antiga.

Maestro Joly Braga Santos

Acontecimento de tão grande importância como este, não podia passar em silêncio. Procurámos, por isso, o maestro Joly Braga Santos para que nos dissesse algo acerca da sua primeira ópera.

Joly Braga Santos ocupa hoje um lugar de destaque no panorama musical português. Muito jóvem ainda, pois nasceu em 1924, frequentou o Conservatório Nacional de Lisboa, que abandonou em 1945, e foi aluno dilecto do mestre Luís de Freitas Branco, com quem estudou ciências musicais e composição, seguindo o mestre na doutrinação estética que tem por bases o aproveitamento prático da Teoria Dualista, o apoio da técnica mais moderna na verdadeira música clássica moderna, anterior ao barroco, e a construção sinfonística baseada na máxima importância conferida ao contraste e à luta de elementos temáticos. Mais tarde, em Veneza, frequentou o curso de direcção de orquestra, do prof. Herrman Scherchen para o que lhe fora concedida uma bolsa de estudo do Instituto de Alta Cultura; como bolseiro do mesmo Instituto, partiu novamente para a Itália em 1957 e aí se demorou um ano, aperfeiçoando-se na regência de orquestra e contactando com as mais importantes figuras do mundo musical em demoradas estadas em vários países europeus. Na Suíça, novamente com Herrman Scherchen, seguiu as experiências deste famoso mestre sobre acústica e construção de música electrónica. Autor de uma já vasta e categorizada obra musical — na qual se destacam: «Elegia a Viana da Motta», «Variações sobre um tema alentejano», quatro sinfonias, três aberturas sinfónicas, a ópera «Viver ou Morrer», dois quartetos de arco, um quarteto para música de arco e piano, uma sonata para violino e piano canções sobre poemas de Camões, Antero, Bocage, Rodrigues Lobo, etc., e inúmeras pequenas peças para piano, violino e violoncelo — autor de uma já vasta e categorizada obra musical, dizíamos, Joly Braga Santos é um dos compositores portugueses contemporâneos com maior número de composições tocadas no estrangeiro, como aconteceu à sua «Elegia a Viana da Motta» dada no Festival Internacional de Toulouse, em 1951, e no de Estrasburgo, em 1955 e que hoje conta para cima de quarenta execuções na Europa e na América. Igualmente as suas «Variações sobre um tema alentejano» tiveram a sua primeira audição em Bordeus e a sua «Segunda Sinfonia» foi executada em Paris e Roma, respectivamente pela Orchestre de la Radiodiffusion Française e pela Orquestra Sinfónica da Rádio.

A' nossa primeira pergunta sobre as características da sua ópera «Mérope», o compositor respondeu:

— Na «Mérope» recorri a um máximo de tensão e distensão harmónicas para criar o ambiente de vincado contraste necessário a este drama lírico. Sem abandonar o modalismo modifiquei nesta obra o meu estilo, utilizando, por vezes, a politonalidade.

— Por que motivo escolheu a «Mérope», na versão de Garrett, para a sua primeira obra escrita expressamente para o teatro?

— Uma das minhas preocupações, ao escolher um assunto da tragédia grega, para pôr em música, foi a de me apoiar nos fundamentos da nossa cultura clássica greco-latina, reagindo contra a tendência da maior parte dos criadores contemporâneos, que procuram de preferência as expressões do bárbaro e do erótico. O homem moderno sente, cada vez mais, uma necessidade de lógica, de razão e de clareza e o dever dos artistas é, precisamente, o de procurar corresponder a essa necessidade. Cabe especialmente aos países latinos, herdeiros da mais rica de todas as culturas, o dever, neste momento, de reivindicar a sua posição

TOMAZ RIBAS

(Continua na 15.ª página)

A PRESENÇA DE AMADEO e a sua lição

★ IMPRESSÕES DE MOMENTO ★

OS artistas e a crítica estão em festa; em festa está a cultura portuguesa.

A grande retrospectiva da obra de pintor e do pintor, do artista e adivinho, do oficial do seu ofício, é uma realidade: já não há lamentações, queixumes, penas de a não ver e conhecer.

As manifestações positivas nunca são tardias por serem intemporais. Amadeu de Sousa Cardoso não era um desconhecido; é do nosso tempo, do tempo dos nossos irmãos mais velhos, mas rigorosamente de quanto a arte inicia os caminhos novos nos seus conceitos.

1909-1910 marca o início de uma pintura que, nos vários aspectos por onde se veja, tem duas fundamentais lições e estudos: a de procurar e a de encontro da sua própria expressão e linguagem.

Amadeu só se encontrou exactamente a partir da sua residência em Manhufe em fins de 14 até à sua prematura morte em 1918, dando então uma pintura violenta de colorido, de clima aberto e soalheiro, de paleta encontrada de novo, sem tons surdos.

São oito anos de pintor, não interessado só num entendimento da pintura do seu tempo, mas antecipando-se a ele. As aptidões do artista, a mais das do pintor, revelam-se constantemente, e o seu «Quadro G», enviado à exposição na Der Sturm, é entregue ao despachante em Novembro de 1912.

Não temos que reivindicar para nós o que tal facto representa, mas para Amadeu tal antecipação no conseguir de uma pintura que teria aceitação

POR

SELLÉS PAES

geral tantos anos depois. Quem chega como ele chegou a tais resultados, com pouco mais de dois anos de pintura e tal originalidade, tem de ser colocado muito fora e para além do plano do quotidiano.

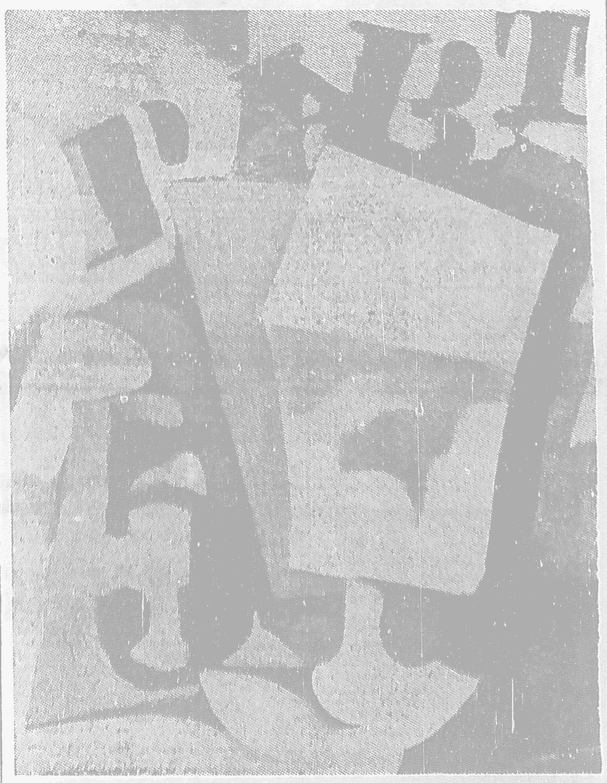
E' que Amadeu — como um Sá Carneiro — não admite confrontações. A posição que adquirir, independentemente de méritos e louvores divulgados, as qualidades que possuía, eram intrínsecas dele, e fixava-as legando-as à posteridade.

De tal facto o sentido de modernidade, de actualidade desta obra, que nos traz à lembrança as reproduções dos mosaicos de Ravena, certas esculturas de Moore e pinturas de italianos e espanhois.

Parece, e as exposições são lições para delas se aprender, que a arte quando é do seu tempo — e só essa é rigorosamente arte — não envelhece por ser sempre actual.

Os velhos, jóvens em 14, são velhos; a pintura feita de fresca data pode nascer e nasce velha quando feita na copia dos moldes de outros tempos; só o espírito jovem não envelhece, o espírito que marchando na vanguarda humildemente se coloca na posição de se procurar, de se encontrar íntegro.

Mas esse dote e dom é resultante do meio ou antes qualidade do homem? Que estímulos teve Amadeu senão os da sua vontade e sua consciência? Que estímulos teve Pessoa para ser o poeta que é? Que estímulos teve Sá Carneiro e o Almada para escrever o «Nome de Guerra»?



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO ★ Vaso (sua exposição)-1915

Há para além das nossas possibilidades aptidões especiais de invenção, de antevisão, de precursor que ninguem prefidica e só nós próprios podemos inventar.

Amadeu é um exemplo para todos nós: exemplo e orgulho; orgulho pelo prazer e lição que nos dá; exemplo pela perseverança, pela seriedade, pelo portuguesismo de uma pintura que deveria ter servido de lição a tantos descrentes nas virtualidades da raça portuguesa.

E os seus interesses muito para além dum anedotismo na pintura — olhe-se para as peças de 1909 e 10 — vão caracterizar-se e diferenciar-se Portugueses para além de 1915. Os créditos e a memória de Amadeu são penhor bastante para que os portugueses abram o coração e o espírito para uma geração que procura no nosso tempo o que Amadeu procurou no seu: só assim os nossos filhos se orgulharão de haver mais Amadeus na geração dos seus pais.

Se é esta uma das lições e impressões da exposição, é por certo uma das intenções de quem a patrocinou e determinou que se levasse a efeito.

BREVE VENCIDO VIENTO

Sobre mares de tiempo,
breve brizna, agil niebla, fugaz giro.
Sobre mares de tiempo,
pasos contados de un afán brevísimo.

Sobre mares de tiempo,
de un tiempo que no es mío.
tejo y destejo el vuelo de mis horas,
inventando mi vida y mi camino

Inventando mi vida,
único surco, sola voz, cansino
hacer y deshacer en donde existo
y me sé prisionero y me sé mío

¡Oh mar indomeñable,
oh mar del tiempo, oh dulce mar amigo,
en tus perennes ondas
soy un fugaz, minúsculo latido.

un viento breve que el milagro acepta
y que se sabe, frente a ti, vencido.
un viento breve que te acepta en calma

y que en ti vive su fugaz delirio!

CARLOS ANTONIO AREAN

CRÍTICA LITERÁRIA

★ «CARTA-SINCERA A JOSÉ GOMES FERREIRA», por Luís Pacheco

★ «PIRÂMIDE», cadernos de publicação não-periódica organizados por Carlos Loures e Máximo Lisboa

ASSIM como as chamadas «meninas bem», incapazes de se distinguir pela cultura e o gosto, como outrora se distinguiam as classes da sociedade que, tendo o dinheiro e o sangue, tudo faziam para não desmerecer do valor, adoptam um linguajar cacarejado, de inflexões parvinhas e pronúncia sofisticada, também os «nossos» surrealistas resolveram inaugurar uma terminologia própria e um santo e senha que lhes atribui méritos excepcionais e os acredita aos olhos uns dos outros por razões secretas. Uma seita com as suas cerimónias iniciáticas e os seus símbolos misteriosos eis no que se converteu o que ainda subsiste em Portugal da antiga igrejinha sob a invocação do patrono André Breton. E é isto que explica que os correligionários se conheçam uns aos outros, ainda mesmo que se detestem mutuamente, e estejam sempre prontos a cerrar fileiras quando, porventura, um não iniciado se aproxima do altar votivo para assistir como espectador a uma das missas negras celebradas por qualquer dos sacerdotes do esotérico culto.

Assim parece ter acontecido ao autor desta crónica, particularmente visado numa das mais recentes publicações da seita — o n.º 1 da antologia intitulada significativamente, de «Pirâmide», e que tem como organizadores dois novos adeptos: Carlos Loures e Máximo Lisboa. Tanto no artigo de Mário Cesariny de Vasconcelos, magno sacerdote da igreja surrealista portuguesa, intitulado «Mensagem e Ilusão do Acontecimento Surrealista», como no de Luís Pacheco, acólito da seita, «Surrealismo e Sátira», se me atiram cascas de laranja,

POR

JOÃO GASPAR SIMÕES

mais escorregadias umas, menos escorregadias outras, embora umas e outras devidamente mergulhadas nessa espécie de incenso que é a algaravada privativa dos doutores da referida igreja.

Mais do que uma vez me tenho «comprometido» em público compromettimento de que me não arrependo, chamando a atenção para o que há de meritório no surrealismo e especialmente para a circunstância de esse mesmo surrealismo nos ter dado, em Portugal, dois ou três nomes de categoria. Refiro-me, claro está, a Mário Cesariny de Vasconcelos, a Alexandre O'Neill e ao malogrado António Maria Lisboa. Como não fui iniciado, porém, e não pertenço, por conseguinte, à igrejinha nacional do surrealismo francês, sempre que ouso valorizar os talentos revelados nas fileiras surrealistas, faço-o usando da terminologia que me é própria e que não aspira a distinguir-se, como terminologia, do idioma comum a todos aqueles que se inculcam críticos literários e que entendem que o mais alto timbre da crítica que se presa é utilizar padrões mentais e literários acessíveis a toda a gente. Muito mordentes e algumas vezes assaz mordazes, as prosas crítico-ensaísticas de Mário Cesariny de Vasconcelos, por exemplo, se nos parecem apreciáveis, e às vezes até penetrantes, raramente as consideramos criticamente válidas, já que a obscuridade iniciática é uma das suas características e em crítica literária pelo menos, o santo e senha não só se nos não afigura de atender mas até mesmo se nos antolha de condenar. E isto por uma razão mais do que óbvia: porque a crítica fica e o surrealismo passa.

Em personalidades de uma indiscutível pertinência intelectual, como é o caso do autor da «Pena Capital» e do «Manual de Prestidigitação», essa cifra, mais ou menos decifrável pelos leigos, ainda se aceita, sobretudo, pelo que dela decorre de inteligente, de irreverente ou de imprudente. Já o mesmo não sucede quando se traz à colação alguém que não é positivamente uma personalidade. E' o caso de Luís Pacheco, que tem exercido, exerceu ou exerce na igreja surrealista nacional papéis vários, mas todos, mais ou menos, da ordem da acolitagem. Sacristão, bedel ou charameleiro —, pois também o surrealismo dispõe de charamela, e de charameleiros afinados ou desafinados se compõe, em grande parte, a horda dos fiéis — eis o que ele tem sido, e parece continuar a ser, com atenta dedicação, adentro do quadro dos dignitários da referida igreja. Isso se depreende, pelo menos, da publicação da «Carta-Sincera a José Gomes Ferreira com uma Nota do Autor por Causa da Província», do-

(Continua na 15.ª página)

O HOMEM NA SUA MENOR DIMENSÃO

★ NOTAS À MARGEM DE «O DEGELO» DE ILYA EHRENBURG ★

A atitude crítica de certos marxistas perante os problemas levantados pela aplicação do marxismo à vida social tem o mérito de pôr em xeque a organização partidária mundial que metodiza essa aplicação. Não esqueçamos, porém, que desse modo eles apenas reforçam as suas posições, caucionadas pela hipótese de reforma do Partido Comunista e de revisão dos respectivos métodos. As suas críticas nunca atingem a doutrina nos seus fundamentos e, pelo contrário, visam prestigiá-la enquanto a dessolidarizam aparentemente de consequências cuja «necessidade» se apressam a dissimular. Tanto mais perigosos quanto mais sedutores, eles continuam a enfraquecer as resistências morais dos não marxistas, corrompidas de antemão pela mais desanimada crise de ceptícismo. O Ocidente, em plena crise geral de convicções, pronto a desperdiçar as suas energias espirituais, como recentemente denunciava Salazar, está à mercê de qualquer pensador marxista mais hábil e esclarecido, que tem a opor-lhe a recordação dos exemplos de confiança em certos valores e de dedicação à causa que os mesmos impõem. E' um facto que os comunistas, como os nazis, souberam em certa época restituir ao homem o sentido epopeico da vida e estendê-lo ao meio que lhe é próprio — as grandes massas humanas.

Comunismo e nazismo degeneraram em dolorosas tragédias por força de uma viciosa articulação dos valores, da carência de princípios que correspondem a essenciais exigências do humano — confundidas com acidentes históricos — e da presença de princípios desfiguradores desse mesmo humano. Apesar disso, os comunistas continuam na sua actual fase de teatral «destalinização», cujo significado mais profundo não deveria

POR

ANTÓNIO CARLOS

tiudir-nos, a contribuir para a má consciência de que enferma o Ocidente, radicada na irreflectida assimilação do fantasioso dogma da «alienação», núcleo do marxismo que o discípulo de Hegel herdou de Feurbach.

Ainda assim, a destalinização e os seus intelectuais têm o seu mérito. É que, desprotegido do edifício doutrinário em vias de perder a sua inicial coesão, o próprio dogma da alienação humana tenderá a esboroar-se. E, assim, eles próprios conduzirão o seu mundo para o lamaçal de descrença em que vivemos e para o qual parecem começar já a arrastar-se.

Se, entretanto, não houver uma guerra, a crise espiritual do nosso tempo assumirá o mesmo sentido e coloração num e noutro lado. Será então possível conversarmos e coexistirmos, despojadas as posições respectivas da sua tonalidade afectiva. O marxismo será reduzido à dimensão de uma corrente do pensamento entre tantas outras, desacreditados os seus aspectos negativos e criticamente aceites os seus capítulos de secundária importância e de validade mais ou menos permanente.

Da náusea universal, do niilismo generalizado a todos os continentes, poderá erguer-se não um novo homem, mas o homem de sempre, em sua figura dramaticamente diversificada e autêntica. É impossível prever a época em que a razão e a fé dirão o mesmo; em que a confiança voltará a instalar-se no coração e na inteligência; em que a vocação do transcendente será de novo escutada; em que um destino voltará a empolgar a humanidade. Também é impossível e indesejável estabelecer métodos para isso, pois não há técnicas de ressurreição.

A transcendência impor-se-á ao homem quando este atingir a sua plena nudez e há-de também revelar-lhe os mediadores. O homem será, então, suficientemente adulto para entender finalmente que sempre se perdeu por «inventar» os processos de uma transformação que não lhe compete; ou bastante criança para nem sequer os pensar. Essa transformação só será válida quando assumir o carácter de conversão, processo em que ao homem sòmente caberá entregar-se humilde e confiante.

Impossível estabelecer prazos e indesejável inventar métodos. Mas desesperarmos dessa transformação seria demitirmo-nos da condição de homens — o que não nos é dado sendo aparentemente e a título precário.

O que torna lamentáveis os marxistas — e os surrealistas também — é que promoveram essa precária demissão. Uns e outros desesperaram da transformação do mundo e do homem. Só assim se explica que tenham querido transformá-los brutal e

(Continua na 15.ª página)

S. PASCUAL TEJERINA ★ «Paris» — Um dos quadros do do jovem pintor espanhol, que figurará na sua exposição a inaugurar na Embaixada de Espanha no dia 22

ACABAM DE SAÍR

O FILME E O PÚBLICO

de ROGER MANWELL

1.º volume da nova colecção FILME, uma colecção para todos os admiradores da 7.ª arte. Um volume com 250 págs. de texto e 16 págs. de extra-textos em rotogravura — 30$00

O CASAMENTO DO INGÉNUO

de PAUL GUTH

O 7.º volume da colecção OS MELHORES ROMANCES DE HUMOR. Preço — 30$00

EDITORIAL ASTER, LDA.

ARTES E LETRAS

O HOMEM na sua menor dimensão

(Continuado da 13.ª página)

apressadamente e que para isso tenham inventado técnicas.

O conhecimento da história iludiu-nos sobre o nosso poder e sobre o valor desse poder. Foi preciso muito sofrimento para aprender que a história é um mecanismo demasiadamente melindroso para se lhe mexer com mãos rudes. E que, quando se cai nesse erro, a história se vinga do homem, submergindo-o num «habitat» irrespirável.

★

Depois dos exemplos literários de «habitat irrespirável», como a «República», a «Utopia» e o «Admirável Mundo Novo» — os primeiros ingenuamente concebidos como modelos ideais que importava atingir e o último como irónica denúncia de um perigo iminente que se impunha afastar —, eis que ele surge quase plenamente realizado na sociedade soviética.

A leitura do livro de Ilya Ehrenburg, cuja primeira parte foi recentemente traduzida em português, «O Degelo», evoca-nos o aviso solene proferido anos atrás por Berdiaeff de que, desgraçadamente, o mundo estaria bem próximo de poder enfim realizar a «sociedade perfeita».

A pequena cidade russa de que Ehrenburg criticamente se ocupa é um pesadelo bem mais assustador para nós, europeus, do que para o autor de «O Degelo», que só muito timidamente parece desejoso de acordar. Uma grande dose de complacência, ou uma piscosa falta de coragem, impediram Ehrenburg de escrever um bom livro. «O Degelo» poderia ser o drama de um povo que desperta milagrosamente da narcose que ameaçava perpetuar-se. Assim, como foi escrito, revelando inconscientemente mais do que pretende dizer, «O Degelo» tem o interesse de um documento. E por isso, porque a náusea que provoca no leitor europeu excede largamente a crítica medrosa que contém, o autor desse livro apaixonado e apaixonante que é «A Queda de Paris», o mesmo Ehrenburg que escreveu as comovidas histórias de «Treze Cachimbos», sai agora diminuído e desacreditado. «O Degelo» é um caso típico de má consciência e dessa atitude lamentável que consite em conservar timidamente a vinculação a certas premissas quando se rejeitaram as suas consequências lógicas.

Não se pode continuar marxista e criticar os aspectos «necessários» da sua aplicação.

★

Quando o marxismo reclamou a desmistificação total do homem, iludiu-se quanto ao valor e significado da consciência mítica. Considerou-a um produto de certas contingências históricas ultrapassadas, que só prevalecia devido à acção de forças conservadoras e reaccionárias e como resíduo que era urgente banir. Seria interessante aprofundar a análise do pensamento marxista em busca do que seja dentro dele a substância humana. Suspeito que o resultado dessa análise seria igualmente bem interessante: concluríamos talvez que, para o humanismo materialista, dialéctico e histórico, o homem... não tem substância. Estranho homem esse em que tudo é acidentalidade!...

E, contudo, a consciência mítica atravessou as idades e irrompeu em pleno século XX, minado de materialismo e de positivismo — embora e por isso mesmo em formas nitidamente degradadas. A desmitificação total é um estado de patologia limite em que a própria vida deixa de ser possível. Sartre, porque o compreendeu, acabou por aderir ao comunismo, uma vez que este, como era inevitável, se volveu anunciador de novos mitos.

O comunismo, como programa político, ideologia revolucionária ou esquema de vida colectiva, não seria viável sem que se intoaxicasse um pequeno desvio de orientação, isto é, sem a proposição de um novo mito capaz de preencher o vazio aberto pela proscrição dos mitos tradicionais. Por outro lado, o marxismo é um pensamento bastante plástico para consentir esse desvio. E, oferecendo-se como filosofia actuante e transformadora do mundo, tem logicamente que perfilhar o novo mito, uma vez que este se prova indispensável à sua aplicação efectiva.

Os marxistas de boa vontade, como Ehrenburg, poderão opor que o mito ou os mitos da era estalinista não são precisamente os mais consentâneos com a sua filosofia e que, por isso, importa substituí-los. Grosseiro erro e, não obstante, sedutor. Primeiro, os mitos não se inventam, não se constroem, nem destroem, não se substituem como um funcionário, um general ou um decreto. O mito tem uma força que Zukov não teve. Ou, senão, não é mito: é mistificação.

Em segundo lugar, o mito de que aqui se fala teve não apenas justificação e valor práticos (por ele se ergueu o gigantesco império comunista), mas um valor teórico. Esse mito, contido na expressão «homem soviético», acorda rigorosamente com os fundamentos do marxismo. E como é? Imagine-se um ser de aparência humana, rigorosamente asséptico por dentro e por fora e bem amestrado nas técnicas profissionais e de convívio social, em ordem a um rendimento óptimo. «O homem soviético» não pode coerentemente ser enfeitado por uma ideologia que proclama ser a razão a «única» forma válida de conhecimento e quando faz depender o valor desta da sua efodcia nos planos de domínio e apropriação do real.

De que «real» se trata seria ainda interessante falar, mas não vem ao caso. Continuemos.

É claro que os mitos menores não são exclusivos das sociedades comunistas. Eles abundam também no mundo ocidental e, muito particularmente, na América e nos países americanizados. De modo geral, em toda a parte e como fase de um processo que se arrasta desde longa data, cuja origem se encontra talvez na perda do sentido cósmico — perda essa em que até Pascal tem, infelizmente, certa margem de responsabilidade.

É forçoso, porém, reconhecer que os mitos menores do nosso tempo encontram o seu terreno óptimo na Rússia comunista, excessivamente deslumbrada por um progresso técnico recém-adquirido e dominada por uma ideologia que, insisto, lhe dá justificação prática e teórica.

São estes mitos menores, como o do «homem soviético» — menor porque demasiado acessível, menor porque amputador do humano, menor porque desfigura e não transfigura, menor porque intenta conduzir o homem abaixo do que ele «é», em vez de o estimular à sobre-humanização — são estes mitos menores, digo eu, que produzem um «habitat irrespirável». Não se trata aqui de uma pressão sobre o comportamento, de uma limitação da actividade, exercidas pelas forças do Estado.

Esse seria um clima agreste, difícil, mas, porventura, estimulante. Trata-se de uma infiltração subtil. De uma lenta e sábia penetração de uma ideologia no mais íntimo da pessoa humana. É uma perversão dos espíritos facilitada pela também natural tendência humana para o aviltamento.

Na pequena cidade russa do livro de Ehrenburg os personagens são colunas de gelo, contentes de si mesmos e esquecidos do «mundo real» que conscientemente trocaram por um «mundo irreal» em que se movem como fantasmas alucinados pela visão lunar daquilo a que chamam o «homem soviético». Não os limitam mais do que é talvez razoável na acção. A si mesmos se limitam nos sonhos — e isso é o pior. Finalmente, o que é «o degelo»? De que medida é a esperança de Ehrenburg? Que vai ser o Verão de Lena, de Koroteiev, de Volodia? Que acontecerá a esses homens e a essas mulheres que acordaram para os sentimentos e para os instintos? A essa gente cansada da «pureza» e «seriedade» do «homem soviético», que destino lhe reserva Ehrenburg? O autor não o diz, mas a resposta impõe-se, dolorosa e inevitável. E não é dele, é nossa:

Regressarão todos ao «mundo irreal» de uma crença fácil e sedutora, agora carregados do sentimento de uma culpa que não têm.

Ou então vão ocidentalizar-se do pior modo. Vão ficar doentes de descrença, de desconfiança, de desespero.

De um modo ou de outro, é bem pobre e triste o mundo que Ehrenburg anuncia com inconsciente optimismo.

ANTÓNIO CARLOS

CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuado da 13.ª página)

cumento que Mário Cesariny de Vasconcelos, apodado, no limiar do opúsculo, pelo seu autor, de «meu terrível inimigo», se dignou publicar na sua colecção «A Antologia em 1958», honrando sobremaneira o epistológrafo, a quem de resto, por confissão própria, «talvez propositadamente» coloca, com isso, «numa situação arrevesada».

Quando um surrealista é surrealista, isto é, quando da criação mais ou menos pura passa à doutrinação mais ou menos impura, ainda se admite que utilize a tal cifra, mau costume contraído nas práticas mediúnicas em que se preparam os «morceaux de bravoure» da seita estabelecida. Não é de admitir, porém, esse idioma de iluminado quando o surrealista pertence simplesmente à acolitagem. Então fica-se desconfiado, como quando se ouve falar ao sacristão o latim do vigário.

Evidentemente que Luís Pacheco estava no seu direito, como leitor e admirador atento, de dirigir a carta, agora publicada e escrita vai para cinco anos, ao poeta José Gomes Ferreira. Ninguém tem mais autoridade para repreender o mestre que claudica do que o discípulo, e ao que parece Luís Pacheco, por essa data, se não era discípulo do poeta de «Electrico», pelo menos enfileirava entre os seus mais calorosos admiradores. Aliás as razões que alega para justificar a momentânea popularidade digamos de José Gomes Ferreira, parecem-me muito inteligentes e bem deduzidas. Se nos recusamos a acatar o tom em que a carta foi escrita, é apenas pelo que nela se mistura de pessoal à admiração propriamente literária. E depois se as crónicas de José Gomes Ferreira tanto desagradavam ao autor da referida carta, por se lhe afigurarem, no tom e matéria, uma oitava abaixo da clave do poeta, o certo é que nem todos eram da sua opinião e sobretudo aqueles que, precisamente, sabem como a alta literatura tantas vezes é feita à custa da baixa literatura. Se olharmos para o passado de alguns dos maiores escritores universais, ver-nos-emos obrigados a reconhecer que a sua glória está precisamente no facto de terem sido capazes de circular livremente por uma obra onde a grandeza resulta mais depressa dos contrastes que da exemplar uniformidade. Digam o que disserem os altos e baixos de Camilo e as ascensões e quedas de Balzac valem, por vezes, mais que o equilíbrio de Eça de Queirós e a perfeição de Flaubert.

Muito teria a dizer a este respeito e a respeito do «método comparativo-literário» ao que se me assaca como pecha no artigo do mesmo Luís Pacheco inserto na «Piramides». No entanto embora o autor se confesse «sem pretensões doutorais», nos conselhos que me dirige, recomendando-me ser preferível «farejar» o novo e esquecer os «resíduos do passado», é doutoralmente que o faz e com tanto menos autoridade quanto é certo adoptar na sua doutrinação o tal estilo cifra, interessantíssimo entre os iniciados, mas totalmente despojado de sentido perante os leigos. Para o crítico literário que não passou pela sacristia do surrealismo, a aferição dos valores surrealistas só pode ser feita pela bitola geral. Repito: o surrealismo passa e a crítica literária continua. Assim tem acontecido, pelo menos com todas as escolas, seitas, igrejas ou capelas. E se de alguma coisa me orgulho como crítico literário, é de ter assistido já à passagem de algumas escolas ou seitas sem me enganar sobre o valor dos que dentro delas estavam destinados a superá-las. Nem outra coisa sucede, aliás, com o próprio surrealismo. De facto, um António Maria Lisboa (de modo algum, como superlativamente aventam os organizadores da «Piramides», na primeira fila da poesia europeia) representa, sem dúvida uma vocação, vocação que me não escapou e Mário Cesariny de Vasconcelos e Alexandre O'Neill incontestavelmente podem ser considerados — e eu os considerei, parece-me, antes de mais ninguém — dos mais altos poetas das novas gerações. O método comparativo-literário tem, sem dúvida inconvenientes, mas quando se encaram as letras do ponto de vista de um T. S. Eliot, por exemplo, é impossível deixar de olhar para o rio da literatura como para qualquer coisa que vinda de longe, caminha para um futuro que não será, realmente, futuro, caso se faça tábua rasa do que estava antes. Assim o diz o grande poeta e crítico melhor do que eu o saberia quando, no seu célebre ensaio «Tradition and Individual Talent» sustenta que o poeta deve capacitar-se «do facto óbvio de que a arte não melhora, embora o material da arte nunca seja o mesmo, e que o «espírito da Europa — o espírito do próprio país do poeta — um espírito que ele oportunamente reconhecerá como muito mais importante do que o seu espírito pessoal — é um espírito que muda, e que essa mudança representa um desenvolvimento que nada abandona «en route», que não inabilita Shakespeare ou Homero, «embora» este desenvolvimento, refinado talvez, complicado, decerto, não represente, do ponto de vista do artista, qualquer melhoramento». Bem certo que T. S. Eliot não pertence ao número dos iniciados e que a sua linguagem não é cifrada in'eriorìdade manifesta perante os que da sacristia do surrealismo apenas divisam o altar-mor e o coro da igreja. Em todo o caso, em crítica literária não vejo que as religiões tenham provado melhor que a razão e que os crentes sejam mais infalíveis que os ignósticos.

JOÃO GASPAR SIMÕES

CARTA DE PARIS

(Continua na 15.ª página)

passados não solucionados. Eis uma bruxaria de transformações e anulações de tempo: a mulher de Choubert, ora jovem, ora idosa, é a sua amiga, a sua esposa, a sua mãe; o polícia surge quer como jovem inocente, quer como ameaçador inspector criminal, quer como pai de Choubert. Também aqui um assassínio se encontra no desfecho da acção e este final é um tanto confuso, apesar de grande efeito cénico e da espiritualidade, que aqui e ali é inegável.

A inspiração de Ionesco e de Joiego breve; quase todas as peças têm apenas um acto. Como «antiteatro» são absolutamente convincentes e muito humorísticas; mesmo nas cenas onde o disparate se torna insuportável, permanece um grande efeito teatral. Mas daí até à inovação do drama o caminho a percorrer é ainda longo e o próprio Ionesco parece ter consciência disso, pois uma das suas últimas peças, «Assassino sem Recompensa», tenta, pela primeira vez, movimentar um grande número de personagens durante três actos. Também este espectáculo, encenado brilhantemente por José Quinão no «Teatro Recreativo», teve grande afluência de público. Uma peça policial que redunda em pesadelo — eis como o autor definiu a sua obra. De facto, aqui, pela primeira vez, embora ainda de um modo um tanto nebuloso, se torna visível uma ideia condutora superior: o poderio do Mal neste mundo preocupou o dramaturgo, que, pelo menos como teórico, surge como representante de uma mentalidade humanista, não podendo suportar, portanto, um ideólogo disfarçado como Bert Brecht.

Um misterioso assassino inquieta a cidade-sol ideal e abate as suas vítimas, sem que as entidades oficiais se interessem pela sua actividade. Um idealista ingénuo mete-se a caminho para o converter — e esta cena é um monólogo clássico de velho estilo, um monólogo com o assassino: parceiro mudo arreganhado. Vãos são todos os argumentos para dissuadir o malvado da loucura das suas acções. Os argumentos não produzem outro efeito do que aquele riso espectral, pois o mal — e isto parece ser a tese — não se pode banir deste mundo por meio de argumentos espirituosos. Assim o assassino sai vitorioso deste combate desigual, e o espectador fica um tanto pensativo, tendo assistido a uma obra que contém, indubitavelmente, diversas cenas bem feitas, mas que, mesmo assim, não permite reconhecer claramente, se o autor estará em condições de fazer seguir às suas «antipeças» as «pró-peças», sem as quais a sua reforma do teatro ficaria sem relevância duradoura.

GEORG RUDOLF LIND

OUVINDO O MAESTRO JOLY BRAGA SANTOS

(Continua na 15.ª página)

— Qual a orientação seguida na realização do libreto?

— Reduzi o drama ao estritamente necessário, sem contudo alterar as palavras de Garrett. Neste trabalho de condensação foi-me muito útil a leitura dos «Escritos e Pensamentos Sobre a Música», de Ferruccio Busoni. A redução foi feita de acordo, nos elementos essenciais, com a «Méropes» de Alfieri.

— E quanto à estruturação musical?

— Utilizei o processo «leit-motiv», mas sem o sistematizar excessivamente. Os motivos que caracterizam as personagens não aparecem sempre, apenas os introduzi nos momentos decisivos do drama.

— Trata-se de uma obra declaradamente nacional?

— Quanto a mim, sim! Diz João de Barros, nas «Décadas da Índia», que cada povo fala a sua língua na música que faz. Eu aceito a concepção de nacionalismo musical defendida por Janaschek, segundo a qual as características musicais de um povo devem estar de acordo com a língua que ele fala. Um dos problemas de países, como a Bélgica ou a Suíça, na sua música é o de não possuírem uma língua própria mas apenas dialectos. Procurei na «Méropes», sobretudo, a equivalência musical da língua portuguesa. Precisamente porque entendo que a música vocal deve ser mais importante do que a instrumental.

— Na sua ópera a parte coral tem particular importância?

— Tem uma grande preponderância. Há em toda ela como que um plano principal constituído pelas vozes sob o qual a orquestra estabelece um comentário.

— Dado o tema que escolheu, não há na sua ópera temas musicais populares?

— Nada de popular. E' um assunto grego, que não comportava tais temas. De resto, a tonalidade nacional da música nem sempre é de carácter popular.

— Condena, portanto, o uso de temas populares na música erudita?

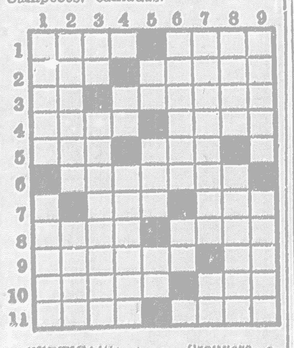
— De forma alguma! Já os tenho usado em algumas das minhas composições e gostaria muito de um dia escrever uma ópera sobre um libreto e temas musicais alentejanos.

Terminara o intervalo do ensaio da ópera «Méropes» e, não desejando reter por mais tempo o maestro e compositor, despedimo-nos, dando por finda a entrevista

TOMAZ RIBAS

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Rio que banha Breslau; carne do lombo do boi. 2 — Antiga moeda de prata, na Pérsia; empapuçado. 3 — Antes do meio-dia; decepar. 4 — Apelido; grande apetite. 5 — Protecção (fig.), pélago. 6 — Endurecer. 7 — Gritos de dor; inflexão. 8 — Continue; rio que banha Setúbal. 9 — Pequenos povos; eu (ant.). 10 — Abundantes; clemente. 11 — Campeões; camadas.



VERTICAIS: 1 — Prouvera a Deus!; género de moluscos acéfalos. 2 — Papa português; membrana circular situada no interior do globo ocular e donde procede a cor dos olhos. 3 — Artigo (ant.); impertinência. 4 — Duas vogais iguais, materiais. 5 — O maior rio da Sibéria; muares; aqueles. 6 — Extinguir; duas consoantes iguais. 7 — Cachoeira; ventilabro. 8 — Paraíso; circunlóquio. 9 — Doutrinal; antiga medida de capacidade (pl.).

(Ver a solução numa das páginas de anúncios).

O ANIVERSÁRIO da Sociedade Industrial de Borracha

Para comemorar o 26.º aniversário da fundação da Sociedade Industrial de Borracha, o seu pessoal realiza no sábado, às 21.30, em Venda Nova, na Amadora, uma festa de homenagem à sua gerência.

O grupo cénico da empresa representará a «bluette», em 2 actos e 14 quadros «Pedras Soltas» e seguir-se-á um baile abrilhantado por um conjunto musical.

NOTICIÁRIO

(Continua na 15.ª página)

Seu Urso», da autoria de René Guillot — prémio mundial da literatura infantil.

— Também está em negociações para a compra dos direitos do grande êxito japonês, de Kojiro Serisawa, «La Fin du Samouraï».

Obras em fascículos

Está em distribuição o fascículo 16 da «História da Poesia Portuguesa», de João Gaspar Simões, no qual são estudadas: a corrente do Ultrismo social, a geração dos «Cadernos de Poesia», o movimento surrealista, os poetas da «Tábola Redonda», o período que vai da «Árvore» à «Serpente» e as tendências actuais da poesia.

— Vai iniciar-se a publicação do 6.º volume da «História Ilustrada das Grandes Literaturas», o qual se refere à literatura inglesa. A obra é da autoria de A. C. Ward e foi traduzida por Rogério Fernandes, estando a cargo de Jorge de Sena as notas e a redacção de uma parte final dedicada à literatura moderna.

— Acaba de ser distribuído o fascículo n.º 13 de «As Maravilhas Artísticas do Mundo», de Ferreira de Castro, obra monumental que a Empresa Nacional de Publicidade está publicando.

«Os românticos Portugueses», de Diogo de Macedo

Editado pela «Artis», acaba de ser publicado o álbum «Os Românticos Portugueses», de Diogo de Macedo, relato panorâmico com ensaios biográficos referentes aos artistas do século XIX que constituíram o grupo da chamada escola romântica portuguesa.

A Literatura portuguesa no estrangeiro

O grande jornal francês «Figaro Littéraire» publicou, num dos seus últimos números, a novela «A História de Venâncio, Segundo Oficial», de Joaquim Paço d'Arcos, traduzida por Jean Haupt.

— Acaba de ser publicada em Milão, na colecção «Pirâmide», a tradução italiana do romance de Fernando Namora «Minas de San Francisco», sob o título de «Miniere di S. Francisco». A tradução é de Antonio Araneo e Enrico Miglioli. Nesta mesma colecção já tinha sido publicada anteriormente a tradução de «Retalhos da Vida de um Médico».

— A obra «Descobrimentos dos Portugueses», de Jaime Cortesão, ainda em publicação, será lançada em língua inglesa e alemã por uma grande editorial americana.

Edições «Panorama»

A revista «Panorama», editada pelo S. N. I. e dirigida pelo dr. Ramiro Valadão e pelo arq. Júlio Gil, sem dúvida uma das mais categorizadas revistas que se publicam no nosso país, vai lançar uma colecção de livros, da qual aparecerão brevemente os três primeiros volumes.

«Que é o «Ballet»?

No próximo dia 21 é posto à venda o primeiro livro de divulgação do bailado e da dança que se publica em Portugal. Intitula-se «Que é o «Ballet?» e é seu autor o escritor e crítico Tomás Ribas, professor de História da Dança e Estética da Escola de Bailado Clássico do Teatro Nacional de S. Carlos. A Editora Arcádia, que lança a obra, está a organizar em Lisboa e no Porto várias manifestações culturais que assinalarão o aparecimento deste livro.

Próximas publicações

A «Aster» vai lançar pela primeira vez em Portugal um romance de Paul Guth: «O Casamento do Ingénuo».

— A Ulisseia vai lançar os romances «O Bom Demónio», de Nikos Kazantzakis, e «O Cativeiro da Verdade», de A. J. Cronin.

— A Arcádia vai publicar, na sua colecção «Encontro», o romance «A Família Artamonov», de Maximo Gorki.

— A «SEC» distribuirá brevemente «Meia Hora de Esperança», o novo livro de novelas de Afonso Botelho.

PORTALEGRE

NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS — Embora só recentemente se tenha iniciado a propaganda a favor da construção de um novo quartel para os Bombeiros desta cidade, ascende já a cerca de uma centena de contos a importância de subsídios oferecidos para tal fim, esperando-se que toda a população do concelho bem como os portalegrenses residentes noutras localidades secundem a iniciativa, dada a justificada simpatia de que desfrutam os valorosos bombeiros, sempre tão prontos a prestar os seus serviços.

ESTÁDIO MUNICIPAL — Foi já superiormente aprovado o anteprojecto do estádio municipal desta cidade, de que é autor o arquitecto sr. Rebão Teixeira, professor de arquitectura da Escola de Belas-Artes.

A construção será feita num terreno existente entre a Casa das Brasileiras e as traseiras da rua Alexandre Herculano e ficará com a capacidade para 10 mil pessoas sentadas.

ELECTRIFICAÇÃO DAS FREGUESIAS — A Câmara Municipal, a que preside o sr. eng.º Fraga do Amaral, está empenhada em conseguir rapidamente a electrificação das principais freguesias deste concelho, estando já em vias de conclusão os trabalhos de electrificação da freguesia da Alagoa e iniciados os das freguesias do Reguengo e Fortios.

A ASSISTENCIA CONCELHIA — Através da Delegação Distrital do Instituto de Assistência à Família, e do Centro de Assistência Social, organismos a que preside o médico, sr. dr. Armando Coelho Sampaio, a assistência neste concelho está a fazer-se com a maior dedicação beneficiando moral e materialmente inúmeras famílias pobres, como o comprovará a importância dos subsídios concedidos no ano findo, que ascendeu a 255.170$00, e de artigos fornecidos tais como: 188 pares de calçado, 128 cobertores, 77 lençois, 52 colchões, 135 enxovais a menores em idade escolar, 12 a recém-nascidos, 20 à primeira infância, 44 vestuários a adultos, 32 xales, etc.

Por sua vez, a Conferência de S. Vicente de Paulo da freguesia da Sé desta cidade, despendeu também em 1958, as seguintes verbas no montante de 29.440$90: socorros em géneros, 10.286$60; em dinheiro, 12.095$40; rendas de casas pagas, 3.840$00; e outras despesas, 3.218$90.

E assim se justifica o desaparecimento da mendicidade nas ruas de Portalegre.

EDIFÍCIOS ESCOLARES — No corrente ano vão ser construídos ou iniciados em várias freguesias deste concelho, 15 edifícios escolares com 24 salas, que muito concorrerão para um maior incremento do ensino primário, visto facilitar aos alunos deslocações mais curtas com a proximidade das novas escolas das suas residências.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO — A comissão constituída pelas mais destacadas entidades locais que em Lisboa foi recebida pelo sr. ministro da Educação Nacional, a quem pediu a criação em Portalegre de uma escola do Magistério Primário, grande aspiração deste distrito, regressou muito animada com a forma como foi acolhida por aquele ministro, que prometeu visitar ainda este mês a nossa cidade a fim de apreciar as possibilidades de instalação da referida escola.

Escola Técnica da Marinha Grande

O presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, acompanhado do deputado sr. Vítor Galo, esteve ontem no gabinete do sr. ministro das Obras Públicas a convidá-lo a inaugurar a escola técnica daquela vila.

3

O HOMEM que deixei morrer

POR STÈNE DAMONT

Eu tinha a morada de Sergine, que me fora dada pelo encarregado do bar, onde a encontrara com Vernault. Fui à sua procura. O gerente do hotel deu-me o número do quarto dela. Bati à porta. Ela não estava.

Uma rapariga, que passava no corredor, perguntou-me:

— Dá-se com a Sergine?

Perante a minha resposta afirmativa acrescentou:

— Não se deve demorar. Quere esperar por ela?

Abri, com a minha chave, a porta do quarto dela. Revistei os seus papeis, para ver se encontrava algum que me permitisse conhecer a letra da rapariga. Descobri o rascunho de uma carta. Guardei-o na algibeira e fugi como um ladrão...

Regressei à agência e estava a comparar a letra de Sergine com a dos pedaços do papel meio queimados quando tive de atender o telefone.

Era Viviane. Disse-me:

— Vernault saiu hoje, de manhã, muito cedo... Acaba de me chamar. Quere, a todo o custo, que almoce com ele. Tem qualquer pedido a fazer. Sr. Roger, peço-lhe que compareça... Não o abandone...

Disse-lhe que podia contar comigo. Levei Alma, na minha companhia, ao restaurante. Tinha reservado uma mesa perto deles. Observei atentamente Vernault, que dava mostras de grande nervosismo. Olhava, de vez em quando, para mim e para Alma, como se estivesse desconfiado de que o espionavamos. Notei, indignado com o seu cinismo, que ela se mostrava muito afectuosa com Viviane. Ouvi algumas palavras truncadas do diálogo entre eles: «Joguei... perdi... dívida de honra». Notei as negações vãdas de Viviane. Era visível que ela não lhe queria dar dinheiro. Por fim, Viviane levantou-se e saiu do restaurante. Alma ergueu-se a seguir e disse-me:

— Desculpe-me. Tenho de me retirar.

Em seguida, Vernault abandonou o restaurante.

E' muito aborrecido seguir um homem e, também, difícil conseguir que ele não descubra que é espiado. Vernault parecia hesitante. Ora seguia pela esquerda, ora pela direita. Parava diante de uma montra. Acendia um cigarro e, logo a seguir, deitava-o fora. Parecia desconfiado. Hesitei em atravessar a rua. Adquiri a certeza de que ele estava com medo. Dava também a impressão de que era um desequilibrado. Seguia-o de longe e sentia que o detestava. Como se explicava que semelhante homem fosse casado com uma mulher tão adorável como Viviane?

Não perdi de vista Vernault. Vi-o entrar para casa de um homem de negócios que tinha péssima reputação. Depois visitou um agiota... Passei em seguida duas horas num restaurante onde ele jantou com Sergine. Perto das dez da noite. Vernault depois de acompanhar Sergine ao hotel, dirigiu-se para a margem do Sena. A noite sem luar o local sombrio, permitiram que eu o seguisse de perto. Falou alto. Ouvi-lhe algumas palavras: «maldita vida!... Só ligam importância ao dinheiro...».

De súbito, ouvi o ruído de um corpo mergulhando na água. Era Vernault, com certeza. Ele devia ter premeditado suicidar-se. Vi-o aparecer à superfície, esbracejando. Depois, mais nada. Devia ter-lho acudido. Porque não o fiz? O efeito da surpresa? Ou porque o detestava?

(CONTINUA)

Curso de Música Espanhola em Santiago de Compostela

Por iniciativa da Direcção-Geral das Relações Culturais de Espanha vai celebrar-se, de 24 de Agosto a 15 de Setembro do corrente ano, em Santiago de Compostela, o 2.º Curso Internacional de Interpretação de Música Espanhola. O curso, dividido em dois ciclos — composição e informação e interpretação — será dirigido pelo maestro Óscar Espla e neles tomam parte alguns dos mais destacados compositores da actualidade como Frederico Mompou, André Jolivet, Xavier Montsalvatge, Victoria de Los Angeles, Gaspar Cassadó, José Iturbi, Andrés Segóvia, etc. Em complemento do curso, e sobre música espanhola, realizar-se-á uma série de conferências de carácter histórico-crítico.

A Direcção-Geral das Relações Culturais de Espanha concede doze bolsas para músicos não espanhóis, estando nelas incluídos os direitos de matrícula e permanência completa no Hotel dos Reis Católicos, daquela cidade. Os interessados nas bolsas devem dirigir-se aos Serviços Culturais da Embaixada de Espanha.

CICLO DE CONFERÊNCIAS sobre problemas psico-pedagógicos

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes termina hoje o ciclo de conferências promovido pelo Colégio de Reeducação Pedagógica. A's 21.30 falará o sr. professor António de Oliveira, do Instituto Adolfo Coelho, sobre «Problemas de linguagem e sua reeducação»; às 22.30, o médico endocrinologista sr. dr. Nuno Botelho de Medeiros dissertará sobre «As glândulas endocrinas e o desenvolvimento somático e psicológico; algumas ilações médico-pedagógicas». A entrada é livre.

As obras do Hospital da Misericórdia da Póvoa do Varzim

O sr. ministro das Obras Públicas recebeu ontem o provedor da Misericórdia da Póvoa de Varzim, que foi tratar de assuntos relativos à nova fase das obras do hospital daquela benemérita instituição.

BOLETIM DO DIA

RELIGIOSO

CATÓLICO — Basílica de Nossa Senhora dos Mártires, às 11 horas, missa cantada para reposição do Sagrado Lausperene, ladainha dos santos, procissão eucarística e benção; às 18 horas, terço do rosário, ladainha e benção; às 19 horas, missa vespertina e comunhão.

Paroquial de S. João de Deus, missa solene pela ocorrência da visita de Nossa Senhora de Fátima Peregrina. A's 18 horas e meia, conferência doutrinal para jovens; às 19 horas, missa vespertina e comunhão; às 21 horas e meia, conferência doutrinal para paroquianos do sexo masculino.

Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, missas das 7 às 12 horas, em cada hora; durante o dia, das 6 horas e meia às 23 horas, visitas a Maria Santíssima, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima e confissões; às 19 horas, missa vespertina e comunhão geral.

Igreja de S. Domingos, missas das 8 às 11 horas, confissões, de manhã e de tarde; às 18 horas, mês de Maria, benção e missa vespertina; às 22 horas, adoração solene a Jesus Sacramentado, destinada especialmente a homens e rapazes. A' meia-noite, missa acompanhada a cânticos, com distribuição da Sagrada Eucaristia.

Paroquial de Nossa Senhora do Socorro (Coleginho), às 9 horas, missa quotidiana e comunhão; às 21 horas, devoção do mês de Maria, por música e com benção.

Capela de Nossa Senhora do Monserrate, às Amoreiras, às 9 horas, missa rezada e comunhão; em seguida, novena preparatória para a festividade do Divino Espírito Santo; às 21 horas, mês de Maria, com prática, pelo rev. dr Pinto Cardoso.

Paroquial de Santa Catarina, missas às 9, 10 e 12 horas, com distribuição da Sagrada Eucaristia; às 21 horas, mês de Maria, por música, desempenhando a parte coral as crianças da catequese.

Igreja de Nossa Senhora do Loreto, missas às 7 horas e meia, 9 horas e meia e 11 horas, com comunhão dos fiéis; às 17 horas, exposição solene do Santíssimo Sacramento para adoração; às 19 horas, devoção do mês de Maria, acto de desagravo e benção.

Capela de Nossa Senhora da Oliveira (á rua de S. Julião), às 18 horas, segundo dia da novena preparatória para a solenidade anual em honra de Santa Rita de Cassia, por música, com pregação e benção eucarística.

Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, às 18 horas e meia, triduo solene preparatório para a festividade em honra do Divino Espírito Santo, por música e com benção eucarística.

MARÉS E LUAS

Dias	Preia-mar	Baixa-mar
14	8.15 e 20.43	1.43 e 14.00
15	9.21 e 21.49	2.42 e 15.13
16	10.33 e 23.02	4.03 e 16.36

Nascimento do Sol ás 6.27. Ocaso ás 20.40.

Quarto minguante, dia 15, ás 21.09

MALAS POSTAIS

HOJE — «Lima», para Madeira e Açores. Ultima tiragem ás 9 horas; «Conte Grande», para Sul do Brasil e América do Sul. Ultima tiragem ás 9 horas.

AMANHÃ — «Congo», para Africa Equatorial Francesa e Congo Belga. Registos até ás 10 horas e ultima tiragem ás 13 horas do dia da partida.

MOVIMENTO MARITIMO

NAVIOS A CHEGAR — Hoje: «Império», da Africa Oriental Portuguesa e Madeira; «St.ª Maria», da América Central, Madeira e Vigo; «Cesare d'Amico», do Mediterraneo; «Conte Grande», do Mediterraneo; «Labrador», do Mediterraneo; «Bengal», do Norte da Europa; «Julia Mary», do Norte da Europa; «Venezia», da Suécia.

NAVIOS A SAIR — Hoje: «Conte Grande», para Rio e Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires; «Labrador», para Quebeque, Montreal, Toronto, Hamilton, Cleveland, Detroit, Chicago e Milawaukee; «Zealand», para Londres; «Baron Ramsay», para Glasgua; «Julia Mary», para Antuérpia e Roterdão; «Betty Anne S», para Rijeka; «Grundsunda», para Orão, Argel, Tunis, Tripoli e Génova; «Gala», para Marselha, Savona, Génova, Marina di Carrara; «Jalmesilva», para Fedala e Safi; «Bengal», para Port Said, Djibuti, Aden, Madrasta, Rangoon e Calcutá; «Lima», para Madeira, St.ª Maria, S. Miguel, Terceira, St.ª Cruz, Calheta, Lajes e Faial.

Amanhã: «Congo», para Ponta Negra, Boma e Matadi; «Bastholm», para Copenhaga; «Amfred», para Suécia e Finlandia; «Cesare d'Amico», para La Guaira, Puerto Cabello, Curaçao, Havana, Vera Cruz, Tampico e Houston; «Cala Nova», para Marselha, Savona, Livorno, Marina di Carrara e Génova; «Orion», para Tripoli, Beirute, Lataquia, Alexandria e Rhodes; «Gorgulho», para Funchal.

FARMACIAS

TURNO B — Marques, estrada da Benfica, 648, telef. 780096; Sousa, estrada de Benfica, 429-431 tel. 780027, Aguiar, avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, telef. 764629, Leal de Matos rua Neves Costa, 33-3o Carmide, telef. 780181, Prates & Mota, rua da Beneficência, ao Rego, 91, telef. 773728; Patulela, Herdeiros, rua do Lumiar, 122-124, telef. 779332, Cabrita, Campo Grande, 220-222, telefone 772397; Nova Iorque, rua António Patrício, lote 347, avenida dos Estados Unidos da América, telef. 760658; Aeroporto (Do), avenida do Aeroporto lote 318 loja-D (á avenida D. Rodrigo da Cunha), telef. 722384; Alvalade avenida da Igreja, 18-B, telef. 777170, Gasparinho, rua Dr. Gama Barros, 54-A, telef. 710468; Vera Cruz, praça Afranio Peixoto, 2-B (á aven. S João de Deus), telef. 724941; Onilda, avenida João XXI, 13-A, telef. 726848; Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C telef. 770776; Vale, avenida Marquês de Tomar, 45-49 (junto da igreja de Fátima), telef. 773043; Cosmos, avenida João Crisóstomo, 44-C, telef. 405922; Cruz Nunes, praça Duque de Saldanha, 14, telef. 41845; Novais, avenida Luís Bivar, 11-13, telef. 44324; Jaime José da Costa, rua Conde Redondo 68-72, telef 54342; Ascensos, Ld.ª, rua J lote